



SÍNODO 2021-2023

Para uma Igreja sinodal

Comunhão | Participação | Missão

«A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16, 15)» (Lumen Gentium, n.º 1)

Síntese Diocesana

1. A Igreja de Lisboa dá graças a Deus pelo dom da caminhada sinodal a que foi chamada. Tratou-se de uma consolidação do caminho sinodal que já vinha a ser percorrido desde a convocação do Sínodo Diocesano em 2014, sob a égide do tema «O sonho missionário de chegar a todos», a sua realização em 2016 e a sua receção de 2017 a 2021. Em todos estes momentos pudemos comprovar como «o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio»¹. Neste momento, somos mais uma vez chamados a interpretar esta convocação como sinal de Deus para viver a sinodalidade como modo de ser Igreja.

A) Descrição do processo de recolha de informação

2. A caminhada sinodal foi dinamizada por uma coordenação diocesana, constituída por três sacerdotes, um diácono e cinco leigos². As diversas realidades eclesiais do Patriarcado foram convidadas a nomear um coordenador local, tendo a maioria das paróquias (individualmente ou em pequenos conjuntos), assim como mais de duas dezenas de outras realidades eclesiais (como movimentos, capelanias/reitorias e colégios), nomeado o referido coordenador, que recebeu formação e foi responsável por dinamizar a caminhada sinodal.

¹ Papa Francisco, *Discurso*, 17 de outubro de 2015.

² A Coordenação Diocesana foi indicada pelo Cardeal-Patriarca em carta de 10 de outubro de 2021.

3. A forma de dinamizar a reflexão sinodal nas diversas realidades foi muito plural. Assim, em vista a recolher toda a informação resultante dos trabalhos, a coordenação diocesana desenvolveu um formulário on-line para que os coordenadores locais fizessem chegar as sínteses da reflexão sinodal. Foram recebidas e validadas 191 respostas/sínteses³. 84% das respostas recebidas são oriundas de paróquias, sendo que 16% provêm de contributos de outras realidades. Estima-se que tenham estado envolvidos mais de 1.700 grupos de reflexão sinodal⁴, representando cerca de 15.000 pessoas⁵.

4. As sínteses recebidas foram posteriormente analisadas e interpretadas pelos membros da equipa de coordenação diocesana e condensadas na presente síntese. Esta foi apresentada à Assembleia Diocesana do Sínodo dos Bispos e aprovada pela mesma no dia 14 de maio de 2022, no Centro Diocesano de Espiritualidade do Turcifal, Torres Vedras⁶.

B) Apresentação dos resultados

5. A caminhada sinodal decorreu durante o período pandémico, no entanto, é de assinalar a grande envolvência das comunidades na realização de encontros de reflexão, dos quais 84% aconteceram total ou maioritariamente de forma presencial e apenas 3% ocorreram totalmente em formato digital. Estes números sublinham a necessidade de os cristãos assumirem a sua responsabilidade na vida concreta da Igreja. Isso mesmo se reflete quando os participantes foram convidados a avaliar alguns atributos relativos ao processo sinodal e indicaram maioritariamente como bom/muito bom o entusiasmo dos participantes e o desejo de continuidade deste caminho.

6. Além disso, a caminhada sinodal foi também oportunidade de envolver pessoas que habitualmente não participam ativamente na vida eclesial. Por exemplo, 57% das respostas referiram o envolvimento de pessoas sem missão específica na comunidade, 30% indicaram a participação de batizados sem prática dominical, 16% mencionaram crentes de outras

³ Este valor corresponde ao total de sínteses recebidas e validadas, mas estima-se que o número seja maior, uma vez que houve notícia de sínteses que não chegaram à coordenação diocesana.

⁴ A maioria destes são grupos já existentes (68% das realidades eclesiais envolvidas), seguida de Conselhos Pastorais Paroquiais, Assembleias Paroquiais/Comunitárias, grupos criados propositadamente e inquéritos on-line e/ou em papel. Com menor expressão, houve recolha de respostas através de contactos com os pais de crianças da catequese, encontros com instituições civis e até uma dinâmica porta-a-porta.

⁵ Todas as faixas etárias estiveram envolvidas na reflexão sinodal, com particular destaque para a faixa dos 51 aos 60 anos, que foi a mais participativa. Seguem-se as faixas dos 41 aos 50 e dos 61 aos 70 anos. A faixa etária com menor participação foi dos 0 aos 10, seguida das faixas dos 11 aos 40 e acima dos 70.

⁶ A convocação com a lista dos participantes é de 4 de abril de 2022.

confissões ou não crentes (incluindo a participação de responsáveis de outras religiões) e 13% assinalaram a participação de representantes da sociedade civil (assinala-se a participação de IPSS's, associações, juntas de freguesia, escolas, bombeiros e forças de segurança). Estes números são particularmente relevantes, na medida em que mostram como este processo sinodal foi além dos limites habituais do envolvimento na vida eclesial, evidenciando como o repto deixado pelo Papa Francisco atingiu a sociedade e, ao mesmo tempo, esta se mostrou capaz de olhar a Igreja e querer caminhar com ela. Julgamos que este é um dos principais resultados da caminhada sinodal, na medida em que o caminho conjunto aconteceu não só com aqueles que quotidianamente habitam as comunidades cristãs, mas foi além dos limites habituais.

7. A questão fundamental proposta pelo Papa Francisco foi o motor da reflexão sinodal nas diversas realidades eclesiais: *Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, «caminha em conjunto»*. Como é que este «caminho em conjunto» está a acontecer hoje na nossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso «caminhar juntos»? Acentuou-se sempre a premência de esta pergunta ser respondida em clima de oração, e o método do diálogo espiritual mostrou-se muito importante para a caminhada sinodal. Deste modo, ficou manifesta a necessidade de assumir a sinodalidade como método para *ser Igreja* hoje. É de destacar que o aspecto positivo da reflexão sinodal mais assinalado é a importância de caminhar em conjunto para a Igreja ser mais fiel à sua missão, referido por 48% das realidades eclesiais respondentes. Deste modo, emerge a necessidade de cristãos cada vez mais corresponsáveis pela vida e missão da Igreja. Os outros aspetos positivos mais referidos derivam desta necessidade de caminhar em conjunto: saber ouvir (23%), a Igreja como espaço de diálogo sincero (18%) e o conhecimento da realidade eclesial e seus desafios (17%). Estas respostas apontam desde logo para o projeto a ser assumido pelas comunidades cristãs, como comunidades abertas e disponíveis para fazer caminho com a humanidade.

8. No que respeita aos aspetos mais negativos da reflexão sinodal, 36% das realidades eclesiais referem a falta de envolvimento e compromisso da comunidade. Há uma ligação direta entre este aspeto negativo e os outros aspetos assinalados em seguida, cuja preponderância oscila entre 11 e 12% das respostas: falta de unidade na comunidade, pouco envolvimento dos jovens e falta de tempo para as reflexões. Este resultado mostra como a Igreja é chamada hoje a ser este espaço de compromisso comunitário, em que todos encontram o seu lugar. Entre os outros aspetos negativos mais referidos assinala-se a dificuldade na escuta e a dificuldade em chegar às periferias. Estes dados mostram como a

sinodalidade, se bem que já é de certa forma vivida, tem de ser ainda mais assumida na realidade concreta da vida em Igreja.

9. O balanço entre os aspetos positivos e os aspetos negativos da caminhada sinodal mostra a urgência de a Igreja se assumir verdadeiramente como “família dos filhos de Deus”⁷, “casa de portas abertas”⁸ e “hospital de campanha”⁹. Estas imagens apontam para a necessidade de assunção do compromisso com a vida eclesial, em que cada batizado, em razão do sacramento da água e do Espírito, se sente parte da Igreja, responsável pela vida cristã, pela santificação pessoal e pela santificação dos outros. A comunidade cristã é chamada a assumir cada vez mais a missão evangelizadora, quer naquelas que já são as estruturas existentes, quer na criatividade de encontrar novas formas e, sobretudo, novo ardor para levar o Evangelho de Jesus Cristo a toda a parte.

10. Podemos afirmar que o grande fruto da caminhada sinodal foi a manifestação da necessidade de caminhar em conjunto, numa experiência cada vez mais alargada. A adesão dos participantes desafia a Igreja a repensar a forma de efetivar a sua presença no concreto da vida das pessoas. O clericalismo, quer dos sacerdotes, quer dos leigos, mostra-se como um dos principais perigos da vida eclesial: este faz com que a Igreja apareça como uma instituição pesada, triste, hierarquizada, estagnada, dividida, não assumindo responsabilidade pelas suas falhas, pouco aberta à novidade. Com efeito, quando os cristãos não assumem a totalidade da sua missão enquanto fermento no mundo e a Igreja se torna apenas uma vivência fechada entre quatro paredes, pode correr-se o risco de ser sal que perdeu o sabor. Esta caminhada sinodal veio mostrar como é necessário assumir o compromisso com a vida cristã de forma renovada: quer seja nas atividades e funções propriamente eclesiais, quer seja na tarefa quotidiana de ser cristão na família, no trabalho, no estudo, na política e nas outras realidades seculares. Isto traduz-se nos resultados dos fatores que merecem conversão na vida da Igreja, sendo que os cinco mais assinalados foram: o acolhimento; o trabalho conjunto e a construção de comunidade; a nova evangelização e comunicação; o diálogo; e o testemunho da vida cristã.

11. Estes fatores assinalados mostram como que dois movimentos essenciais à vida da Igreja: por um lado, o acolhimento dos que procuram a Igreja. Não ser só uma Igreja de portas abertas, mas ter igrejas com as portas efetivamente abertas, a necessidade de a Igreja

⁷Papa Francisco, Audiência Geral de 29 de Maio de 2013 e Discurso na Festa das Famílias em Croke Park Stadium por ocasião da Viagem Apostólica à Irlanda a 25 de agosto de 2018

⁸*Evangelii gaudium*, 46

⁹*Amoris Laetitia*, 291

ser luz para os homens e mulheres de hoje, sendo sinal de esperança e acolhendo com respeito e dignidade. O trabalho conjunto deve traduzir-se em corresponsabilidade e, conseqüentemente, em construção da vida comunitária, nomeadamente com a importância dos encontros de convívio, que consolidam esta vivência, que deixa de estar centrada no sacerdote e deve assumir como protagonista a própria comunidade enquanto tal. Salientou-se a importância de haver formação espiritual que ajude a ler a vida do dia-a-dia à luz do Evangelho e na entreaajuda.

12. Por outro lado, a Igreja deve ser capaz de partir em missão e ser reflexo e expressão da sua vida interna. Isto passa pela comunicação eclesial, que surge nas prioridades de conversão, antes de mais pela necessidade de dar expressão às conclusões do II Concílio do Vaticano e de iluminar as realidades da vida contemporânea com a luz do Evangelho. Mas também pela necessidade de a Igreja assumir um papel mais interventivo na vida social e política, investindo no diálogo aberto, humilde e fraterno com a sociedade, incluindo os católicos, os cristãos não católicos, as outras religiões e as instituições civis. Neste sentido, deve promover um debate aberto e sério a respeito de temas da atualidade e, ao mesmo tempo, os cristãos devem ser expressão autêntica do que acreditam, apelando-se a ir à fonte da fé para viver um regresso à essência e à alegria do Evangelho.

13. Estes dois movimentos devem ser como que a respiração da Igreja: inspirando, consolida a sua vida interna; expirando, anuncia e evangeliza.

14. A caminhada sinodal mostrou como muitas vezes ainda não há uma consciência forte da corresponsabilidade por parte dos leigos e de algum clero (que centraliza demasiado), para haver diálogo entre todos os intervenientes. Ao mesmo tempo, a oportunidade dada a muitos que habitualmente não participam diretamente na vida da Igreja de se exprimirem na caminhada sinodal, trouxe entusiasmo e envolvimento. Com efeito, muitas das reflexões apresentadas manifestam o desejo de que a experiência de escuta e partilha não se esgote como mero exercício deste Sínodo, mas que possa dar origem a um modo de construir e ser Igreja. Outro ponto muito referido é a necessidade de as decisões serem cada vez mais fruto da escuta dos diferentes membros das comunidades, bem como o crescimento da corresponsabilidade por parte de todos. Expressou-se ainda o desejo de iniciativas promovam um espírito de construção e pertença comunitárias. Acentuou-se a necessidade não só de nos escutarmos uns aos outros, mas sobretudo a urgência de escutar o que o Espírito Santo tem para dizer à Igreja.

15. Em conclusão, o principal resultado que nasceu da caminhada sinodal no Patriarcado de Lisboa foi a sinalização da necessidade de se caminhar em conjunto. Se, como se indicou, a Diocese há vários anos que tem vindo a insistir na sinodalidade como modo de viver em Igreja, também é verdade que este modo ainda não foi assumido de forma transversal às várias realidades eclesiais. Assim, a alegria pela possibilidade de se participar nesta fase diocesana do Sínodo dos Bispos mostra bem como este é um tema que encontra adesão junto das comunidades cristãs, mas que tem de ser amadurecido e aprofundado. É um repto central para a vida da nossa Diocese: desejamos uma Igreja que vive e é construída à luz do Espírito Santo.

C) Visão da Igreja atual e propostas de mudança

16. Participar é ser Povo de Deus, centrado em Cristo, com tempo para nos ouvirmos uns aos outros. Na reflexão sinodal surgiram muitos elementos que permitiram o emergir da visão da Igreja atual, nas luzes e sombras que a compõem. Ao mesmo tempo, decorrente desta visão atual, surgiram também propostas de mudança. Ambos os elementos são assinalados de seguida.

C.1) Visão da Igreja atual

17. Para muitos dos que participaram na caminhada sinodal, a Igreja, como vida centrada em Cristo, é comunidade, comunhão, família e lugar de encontro, de partilha de vida, de esperança, de alegria, de missão. É nela que, amiúde, se encontra a primeira resposta às emergências sociais. É uma Igreja empenhada no serviço sócio caritativo, onde a vontade de fazer o bem e ajudar o próximo são uma preocupação central. Rica na variedade de grupos paroquiais, de comunidades e movimentos laicais. Contudo, há quem tenda a considerar que existe falta de dinamismo na formação espiritual dos fiéis. No que respeita às celebrações litúrgicas, foi partilhado o desejo de que estas sejam mais simples, por forma a facilitar a compreensão e participação por todos. Refere-se ainda a necessidade de adaptar as celebrações aos seus destinatários, mas também o desejo de maior uniformidade celebrativa. A comunicação da Igreja, por vezes, é pouco eficaz, não sabe comunicar e comunicar-se, apesar de utilizar cada vez mais as novas tecnologias. Sente-se que nem sempre é fácil, quer por medo, quer por vergonha, a afirmação de que se é católico praticante.

18. Os jovens, de uma forma geral, sentem-se afastados e pouco comprometidos com a Igreja. Não se sentem integrados nem percebem que a Igreja tenta acompanhar a evolução dos tempos. O facto de vivermos mergulhados numa sociedade com muita oferta de

informação e atividades arrasta a sua vivência da fé para um plano individual e secundário, apenas participando em atividades pontuais. Contudo, em algumas respostas é referido que o grau de compromisso é maior quando os jovens se sentem mais autónomos e sujeitos do processo, motores de evangelização.

19. Na sociedade atual, a Igreja é chamada a assinalar a crise antropológica: o ser humano diante de Deus, na sua diferença e complementaridade de homem e mulher. Assim, é necessário recuperar o papel do homem e da mulher na Igreja, na sociedade e no mundo. De forma particular, assinalou-se a importância de dar relevo ao lugar da mulher na vida eclesial. Apesar de se considerar que a Igreja tem vindo a encetar um diálogo (interno e externo) frutífero sobre temas centrais para a sociedade atual (família, defesa da vida, idosos, migrantes e refugiados, ecologia integral, diálogo inter-religioso), a resposta da Igreja parece ainda ser muito limitada no que respeita às questões que envolvem as pessoas em uniões de facto, no divórcio, em recasamento e com orientação homossexual. Reconhece-se, no entanto, que tem havido iniciativas de abordagem às «questões fraturantes» de forma mais aberta e transparente, fazendo a Igreja um esforço para esclarecer a sua posição.

20. No que concerne às periferias, entendidas como franjas da sociedade carentes de apoio fraterno, há vontade de fazer o bem, de ajudar o próximo, preocupação de acolher e de atender com dignidade e respeito, de ir ao encontro do outro. Destacam-se os apoios prestados à família e através dos centros de dia e dos serviços de apoio domiciliário sediados em várias paróquias. Contudo, há outras periferias para as quais se sente que a Igreja tem tido dificuldade em dar a resposta adequada. Terá que ter um papel mais ativo e maior disponibilidade e escuta destas realidades.

C.2) Propostas de mudança

21. A proposta de mudança mais presente na reflexão sinodal prende-se precisamente com a necessidade de a Igreja assumir um estilo mais sinodal de agir. As comunidades salientam a importância deste caminho para a sua renovação e demonstram o desejo de continuidade. O Sínodo está a fazer germinar esperança, suscitando profecias e visões, estimular a confiança, fechar feridas e entrecruzar relações. É lugar de diálogo, um fórum aberto, onde as questões de fundo são abordadas por todos. São necessárias estruturas que fomentem este diálogo e comunhão. Este caminho trouxe um crescimento das comunidades na escuta orante do que o Espírito diz à Igreja. Nesse sentido, ajudou muito o método de diálogo espiritual, que há que estimular e aprofundar. É importante assumir este estilo sinodal

como forma de ser e de viver em Igreja, com base no caminho sinodal agora impulsionado, conscientes de que o cume da sinodalidade tem de ser a caridade.

22. A importância de acolher, integrar e dar especial atenção aos jovens nas diferentes comunidades foi outro fator bastante referido, não apenas do ponto de vista da evangelização desta faixa etária, mas, sobretudo, de assumir que é preciso que estes tenham espaço para se envolverem na missão de evangelização da Igreja. Destacam-se a necessidade de construir respostas na Pastoral Juvenil – em alguns casos a criação desta estrutura –, o acolhimento e a criação de espaços/ambientes de acolhimento, partilha, escuta e conversa; bem como a de integrar os jovens na missão da Igreja, de lhes confiar missões pastorais concretas e de não ter medo de que assumam o protagonismo. Uma boa oportunidade que Deus oferece agora à Diocese de Lisboa para este caminho é a Jornada Mundial da Juventude de 2023.

23. O tema do acolhimento surgiu de formas muito diversas e aplicada em realidades muito distintas. Ainda que de diferentes maneiras, foi sendo constante o apelo ao cuidado do acolhimento, em situações como: celebrações, a quem procura a Igreja para celebrar os sacramentos e/ou sacramentais, a quem inicia o seu percurso de aproximação à fé e à Igreja, bem como a pessoas que se sentem menos integradas na comunidade eclesial. Manifesta-se a preocupação em chegar às muitas pessoas que estão nas periferias. Nesse sentido, é importante continuar a aprofundar o papel da Igreja na «edificação da cidade», em articulação com outras instituições. As questões que mais assolam a humanidade devem conduzir a respostas conjuntas e mais harmoniosas. A comunidade civil está recetiva a uma maior presença da Igreja, porque reconhece que esta pode ter um papel importante na referência dos valores, nas relações interpessoais mais estáveis e na área da solidariedade.

24. Pede-se que a Igreja seja uma presença de esperança. Para isso é importante que as pessoas manifestem a fé na vida quotidiana: na família, no trabalho e na sociedade. Ligação entre a fé e a vida, sendo instrumento de misericórdia, dialogando e mostrando que ninguém está sozinho. Há a necessidade de desacomodar, testemunhar, dar tempo de si e comprometer-se. De forma particular, a Igreja é chamada a reconhecer os pecados e crimes dos seus membros, especialmente do clero, e a saber pedir desculpa.

25. Foi referido que há, hoje, o desafio de formar e envolver as crianças e adolescentes da catequese na vida comunitária e sacramental. Constatou-se que, por vezes, o tempo de catequese nem sempre ajuda a formar cristãos com uma relação pessoal com Cristo e verdadeiramente integrados nas comunidades cristãs. A este desafio junta-se o do

envolvimento das famílias das crianças e adolescentes da catequese, nem sempre conscientes da importância do seu papel no percurso catequético e comunitário dos seus educandos. É necessária uma catequese contínua, mais testemunhal, que não esteja associada apenas a determinados momentos festivos, mas acompanhe a vida toda.

26. Além da territorialidade, o paradigma comunitário, de forma particular numa época de grande mobilidade geográfica, deve ser reproposto como modelo eclesial privilegiado, em novas formas de vida evangélica, inspiradas em modelos de pequenas comunidades de encontro, partilha, proximidade, promoção de fraternidade e inclusão, escuta e refúgio das pessoas sem voz, das minorias e dos pobres, atentas à diversidade dos carismas e situações de vida.

27. Liderança efetiva, com humildade e com capacidade de apoiar e delegar. É preciso formar para a liderança. Redescobrir uma relação mais equilibrada entre o poder de quem exerce a autoridade e o respeito que a dignidade dos interlocutores merece, devendo prevalecer a imagem da Igreja como Corpo, no qual cada membro é chamado a tomar parte no todo. Proporcionar maior participação, a partir da informação regular e concreta sobre a vida dos grupos existentes na comunidade e as necessidades que vai encontrando. De um modo geral, entende-se que a Igreja incentiva a participação de todos os seus membros, mas que depende muito de quem está à frente das estruturas.

28. Indica-se a necessidade de formação para todos os leigos em geral, independentemente das missões pastorais que assumam. As áreas mais apontadas foram a formação bíblica, teológica, litúrgica e doutrina social da Igreja. Sugeriu-se rever os planos formativos e atualizar os materiais de apoio, com o objetivo de ir ao encontro das necessidades, mas também possibilidades de resposta ao ritmo de vida das pessoas. Foi ainda referido que a formação promove o encontro, que é sempre gerador de comunidade e espírito de pertença e especificou-se a necessidade de apostar na formação dos catequistas.

29. Pede-se um trabalho mais profundo ao nível da formação sacerdotal, que forme autênticos apóstolos. Os sacerdotes são essenciais para o dinamismo da comunidade. A formação para a sinodalidade precisa de fazer parte do processo formativo em ordem ao sacerdócio, de modo que estes saibam envolver os leigos, segundo um modelo mais circular e menos piramidal, caminhando lado a lado como irmãos. São chamados, não a ser a síntese dos ministérios, mas a exercer o ministério da síntese. Algumas respostas foram no sentido de

assinalar a necessidade de reflexão acerca do celibato sacerdotal, assim como outras assinalaram a beleza do dom do celibato sacerdotal na vida da Igreja.

30. Assinalou-se a importância de a pastoral ser cada vez mais familiar, sendo uma pastoral para todas as fases da vida. É necessária uma formação mais realista de preparação para o Matrimónio, assim como acompanhar os casais depois da celebração do sacramento e as crianças que ainda não estão em idade de catequese. A família deve ser o primeiro lugar onde acontece a formação cristã. Também se deve dar lugar ao acolhimento e acompanhamento das pessoas que vivem em união de facto e informar, esclarecer e acompanhar solicitamente quem inicia processos de declaração de nulidade matrimonial.

31. O diálogo ecuménico e o diálogo inter-religioso devem ser apreciados como verdadeiro diálogo com os outros. É necessário cultivar e valorizar a relação interpessoal e o sentido de acolhimento, privilegiando as relações de fraternidade e partilha da fé. É importante promover o conhecimento da identidade, história e doutrina das outras confissões e da nossa. Quando as pessoas são devidamente acompanhadas, a consciência da sua própria identidade cresce à medida que aprofundam a identidade dos outros. Descobrem-se valores comuns, ultrapassam-se preconceitos e percebem-se melhor os contornos das diferenças. No quadro do ecumenismo, há que valorizar a comum identidade e missão em Cristo. Os desentendimentos históricos e as tensões pessoais não devem fazer esquecer que há um mundo por evangelizar, uma fraternidade humana por tecer, uma natureza por cuidar.

32. Cientes dos desafios pastorais que o nosso tempo apresenta, foi manifestada a necessidade de se aprofundar uma consciência de «pastoral de conjunto». Uma pastoral que integre e envolva diferentes paróquias e comunidades na escuta, diálogo, partilha da Palavra, mas também nas respostas pastorais encontradas e oferecidas. É oportuno realizar atividades conjuntas, partilha de experiências, recursos, bens e respostas aos desafios apresentados. É expressa a importância de se promover convívios entre diferentes paróquias e vigararias. Identifica-se a urgência de uma maior e melhor comunicação e envolvimento entre diferentes realidades eclesiais. Manifesta-se o desejo de uma maior comunhão e sintonia no que respeita aos critérios de decisão e orientação em cada realidade eclesial específica, também ao nível da diocese.

Conclusão

33. A Assembleia Diocesana de Lisboa do Sínodo dos Bispos alegra-se com a caminhada sinodal e, tendo-se colocado à escuta do Espírito Santo, que é o protagonista da sinodalidade, compreende que a Igreja de Lisboa é chamada a:

- a) *Encontrar na sinodalidade a forma de ser Igreja.* Sentimo-nos convocados a uma conversão eclesial à sinodalidade, em que cada um é chamado à corresponsabilidade fundada no batismo, construtores de comunidades fraternas. Somos convidados a aprofundar o hábito de caminhar em comunidade, escutando a Deus e ao próximo, discernindo o caminho que Deus nos aponta, em fidelidade ao rumo a seguir com os irmãos.
- b) *Viver um acolhimento evangelizador e uma evangelização acolhedora.* Acolher e ir têm de ser movimentos complementares, na busca de viver o sonho missionário de chegar a todos. Deste modo, as diversas realidades eclesiais são chamadas a desenvolver a capacidade de acolher e fazer caminho com aqueles com quem elas se encontram, propondo sempre o Evangelho como Boa Nova de salvação, conscientes de que Deus tem o desejo de construir uma história pessoal com cada um.
- c) *Aprofundar dinâmicas de espiritualidade e formação como caminho de santidade.* A Igreja diocesana é interpelada a conduzir a sua ação pastoral a partir da oração e da escuta, pela qual o Espírito Santo nos desafia a descobrir o que somos chamados a fazer. A ação eclesial nasce da «escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama»¹⁰.
- d) *Fazer a leitura da realidade em chave familiar.* A vida da nossa Diocese é chamada a realizar-se tendo como base a estrutura familiar, constituindo-se a Igreja como família de famílias. Esta chave familiar ilumina toda a vida eclesial, de tal forma que inspira uma «pastoral de conjunto», em que todos nos sentimos pertença de todos e responsáveis por todos.

¹⁰ Papa Francisco, *Discurso*, 4 de outubro de 2014.